

Joelmir Beting

"Miséria maior do que morrer de fome na secura do sertão é não ter o que comer na Terra de Canaã."

José Américo de Almeida, in A Bagaceira



Dá para piorar?

O número de domicílios com televisor acaba de ultrapassar o número de domicílios com geladeira. E não é para menos. O povo liga o televisor e aparece tudo. O povo abre a geladeira e não vê quase nada. Produto da linha branca de susto, a geladeira corre o risco de cair realmente em desuso. Metade da população brasileira teima em sobreviver com menos de US\$ 1 por dia para cada integrante da família. Coisa de Quinto Mundo.

□□□ A radiografia do empobrecimento progressivo da população brasileira está nos quatro quilos e meio do Anuário Estatístico do Brasil, safra 91, lançado esta semana pelo IBGE. Dados de 91, cotejados com dados de 80, comprovam que os anos 80 produziram, de fato, a chamada Década Perdida. O produto nacional por habitante, em 1991, ficou 5,6% menor que o produto realizado em 1980. Deveria ter ficado exatamente o dobro — se o Brasil tivesse repetido, nos anos 80, a mesma taxa média de crescimento dos anos 70.

□□□ O Anuário de 1.085 páginas é um prato cheio para os estudiosos da ninguenzada brasileira. Afinal, a miséria das massas deixou de ser uma violação da dignidade humana. Transformou-se em competente construção estatística. Ou, como diz Antônio Cândido de Melo e Sousa: os números não vertem lágrimas.

□□□ Pois vamos aos números menos aparentes da realidade brasileira. O Anuário avisa que devemos ter, hoje, vegetando por aí (sem lenço, sem documento, sem endereço, sem família) nada menos de 32 milhões de indigentes de todas as idades. Uma Underclass do



tamanho de toda a população da Argentina. Dá para resgatá-la?

□□□ Outra revelação (ou comprovação) do Anuário 91: se, entre os homens, um em cada quatro trabalhadores não ganha sequer um salário mínimo, entre as mulheres a proporção é de uma em cada duas. E, mais: negros e mulatos representam 45% da força de trabalho potencial, mas respondem por 82% do desemprego explícito no País. Pior: os mulatos ganham apenas metade do salário médio dos brancos. E os negros, nem isso: 41%. No futuro, menos ainda. Raça virou casta.

□□□ A leitura do Anuário constrange, entristece e amedronta. Tanto mais porque os indicadores sociais pioraram ainda mais em 92.

Secos & Molhados

■ Desmanche

A cada edição do Anuário, o quadro dos recursos naturais do País melhora e o quadro dos recursos humanos piora. O problema é que a riqueza das nações não fica nos primeiros, mas nos segundos.

■ Vale menos

Um em cada dez trabalhadores brasileiros tem menos de 17 anos de idade. E dois em cada dez de 10 a 14 anos trabalham para terceiros. Como na Inglaterra do século 18.

■ Arrastão

Inflação de 25% ao mês empobrece ainda mais os descamisados que já perderam as calças. Pobre só tem dinheiro, quando tem alguma coisa. E o dinheiro é o único valor não corrigido da economia brasileira. Nem parcialmente.

■ Favelas

O Anuário confere: as favelas hospedam um carioca em cada 11, um paulistano em cada 20 ou um recifense em cada dois e meio. Em São Paulo, um reparo: a população amoitada em cortiços é bem maior que a população exibida em favelas.

■ Piorômetro

O presidente Fernando Collor conseguiu aumentar a aflição dos aflitos. Os gastos federais na área social, em 1991, não passaram de US\$ 281 por habitante. Ou 32% abaixo dos gastos sociais de 1980.

■ Barrados

Os dados são da ONU e não do IBGE: somente 12% dos brasileiros estão habilitados para trabalhar em uma economia tecnologicamente moderna. Ou competitiva. O grande resto não tem mais conserto.

■ Alerta

Parecer técnico da ONU sobre o Brasil: é impossível estabilizar uma economia construída sobre tamanha desigualdade social.